

PÓLO CULTURAL, UM JORNAL DEDICADO À CULTURA PARANAENSE.

Selma Suely Teixeira¹

Resumo: A partir da década de 70 o jornalismo cultural produzido na cidade de Curitiba apresentou uma expansão representativa em relação às décadas anteriores. Surgem nesse período os cadernos culturais *Anexo*, editado por Marilú Silveira para o jornal *Diário do Paraná*, e *Almanaque*, editado por Adélia Maria Lopes para *O Estado do Paraná*, vistos como uma inovação para o jornalismo local que, até aquele momento, limitava a informação cultural a apenas uma coluna ou, no máximo, uma página inseridas no corpo dos jornais. Seguindo o percurso desses suplementos é editado, em 1978, o jornal *Pólo Cultural*, pelos jornalistas Reynaldo Jardim e Marilú Silveira, tendo por objetivo dar voz à produção cultural paranaense. Parte da história desse periódico é o tema do presente artigo.

Palavras-chave: Jornalismo cultural; periódico paranaense; periódico brasileiro; cultura paranaense; cultura brasileira.

Abstract: Since the 70's, the cultural journalism produced in Curitiba has been presenting a representative expansion in relation to the previous decades. In this period there appeared some cultural "books" as *Anexo*, edited by Marilú Silveira for the journal *Diário do Paraná*, and *Almanaque*, edited by Adélia Maria Lopes for the journal *O Estado do Paraná*, considered as a kind of innovation, because until that time the cultural information was restricted to just one column or to one page inside the periodicals. Following this new way there came, in 1978, *Pólo Cultural*, by Reynaldo Jardim e Marilú Silveira, that had the objective of giving voice to Paraná's cultural productions. Part of this periodical history is the theme of this paper.

¹ Mestre em Literatura Brasileira pela Universidade Federal do Paraná. Professora do Departamento de Comunicação e Expressão do Campus Curitiba, da UTFPR. Autora dos livros *Teatro do Estudante do Paraná*, *Teatro de Adultos e Escola de Arte Dramática do SESI*, *Sociedade Paranaense de Teatro/Teatro de Bolso*, publicados pela editora Bacantes, de Niterói; da agenda *Máscaras e Memórias do teatro paranaense*, pela Imprensa Oficial do Estado do Paraná; dos dois volumes do projeto *Jornalismo Cultural: um resgate*, patrocinados pela Lei de Incentivo Municipal de Curitiba; de artigos publicados em diferentes periódicos paranaenses. Líder do grupo de pesquisa Comunicação, Cultura e Memória, vinculado ao CNPq. E-mail: sst@uol.com.br

Keywords: Cultural journalism; Paraná's periodicals; Brazilian periodicals; Paraná's culture; Brazilian culture.

INTRODUÇÃO

A partir da década de 70 o jornalismo cultural produzido na cidade de Curitiba apresentou uma expansão representativa em relação às décadas anteriores. São desse período os cadernos culturais *Anexo*, editado por Marilú Silveira para o jornal *Diário do Paraná*, e *Almanaque*, editado por Adélia Maria Lopes para *O Estado do Paraná*, vistos como uma inovação para o jornalismo local que, até aquele momento, limitava a informação cultural a apenas uma coluna ou, no máximo, uma página inseridas no corpo dos jornais; o *Jornal Mural*, informativo oficial da Fundação Cultural de Curitiba, editado pela primeira assessora de imprensa cultural da cidade, Dinah Ribas Pinheiro; a revista *Quem* e as colunas *Programa-se* e *Bomdomingo* publicadas no jornal *Correio de Notícias*, editadas por Rosirene Gemael; o suplemento *Fim de semana*, editado por Aramis Millarch; e o jornal *Cidade*, dirigido por Reynaldo Jardim, entre tantos outros.

Todos esse veículos de informação cultural davam voz à produção de intelectuais e artistas locais que passaram a ser reconhecidos no cenário nacional como pontos de referência para as diferentes manifestações artísticas aqui desenvolvidas.

É o caso, por exemplo, de Paulinho da Viola, Marinho Galera, Lápis, Paulo Leminski, José Roberto Oliva, A Chave e Blindagem, na música popular; Henrique Morozowski, Padre José Penalva, Edino Krieger e Alceu Bochino, na música erudita; Sylvio Back e os irmãos Wagner, no cinema; Oraci Gemba, Antonio Carlos Kraide, Maurício Távora, Manoel Carlos Karam, José Maria Santos, Dadá e Luís Melo, no teatro; Teca Sandrini, Eduardo Nascimento, Fernando Ikoma, Maria Cristina Fauquemont, e Miran, nas artes plásticas e gráficas; Roberto Gomes, Sossélla, Cristóvão Tezza, Paulo Leminski, Alice Ruiz e Helena Kolody, na literatura; Nhô Belarmino e Nhá Gabriela, e Inami Custódi, na sabedoria popular; Roberto Gomes, na filosofia; Luiz Carlos Rettamozzo, Dante Mendonça, Claudio Seto, Solda e Key Imaguire Jr., no humor e quadrinhos, entre tantos outros.

Vista como um representativo celeiro de informações e produção cultural, a cidade passou a ser definida pelo jornalista, radialista, artista gráfico e poeta, Reynaldo Jardim, como um possível pólo cultural brasileiro.

DESENVOLVIMENTO

Defendendo essa proposta, Jardim e a jornalista Marilú Silveira passaram a anunciar, no suplemento cultural *Anexo* publicado no jornal *Diário do Paraná*, a idéia de transformar Curitiba em um centro nacional de cultura:

Pólo Cultural

Não estamos pisando no terreno romântico das utopias. A proposta é fundamentalmente de ordem industrial, e, portanto, econômica .

A criação de matrizes modelares, de modelos próprios, cujo *know-how* seja nosso; o estabelecimento de múltiplos espaços abertos ao exercício e à expressão de idéias sonoras, plásticas, gráficas, visuais, cênicas, arquitetônicas, isto é, parques editoriais, fonográficos, laboratórios teatrais, praças cobertas, auditórios eletronicamente equipados; a ordenação de uma produtividade capaz de satisfazer não só ao mercado consumidor local, mas quantitativa e qualitativamente exportável; a conquista gradual e efetiva de um público potencialmente interessado (da classe universitária à operária) mas não participante, cuja mobilização está a exigir um trabalho de científica motivação através de eficiente campanha de penetração publicitária; enfim uma quantidade tal de iniciativas, cuja otimização total vai se tornando exaustiva, precisam ser tomadas, se efetivamente os poderes públicos e os empresários do Paraná estiverem mesmo dispostos a implantar em sua capital o Pólo Cultural brasileiro.

A rentabilidade das indústrias do lazer cultural, além de altamente satisfatória, proporciona o lucro cívico da paz social, da ampliação do mercado de trabalho, do engajamento populacional nos projetos urbanos, da projeção e prestígio estaduais em todo território nacional.

Esta edição especial do *Anexo* do *Diário do Paraná* apresenta os subsídios básicos para a elaboração do projeto Pólo Cultural e oferece uma amostragem do que ora se cria em arte nesta cidade. De: Marilú Silveira e Reynaldo Jardim. (...)”²

Na segunda página do *Anexo*, os jornalistas reproduziram a resposta dada a três perguntas por eles formuladas aos “promotores da cultura” da cidade, fossem eles vinculados a instituições públicas ou privadas.

As outras trinta páginas do jornal reproduziram artigos e ilustrações produzidos pelos mais renomados artistas paranaenses comprovando, de maneira definitiva, os argumentos expostos no editorial desse número especial do suplemento *Anexo*.

No dia 15 de março de 1978 surge o jornal *Pólo Cultural*, semanário publicado pelo Escritório de Promoção da Cultura Paranaense, de propriedade de Reynaldo Jardim. No editorial do primeiro número pode-se ler a confirmação da idéia exposta anteriormente no *Anexo*, do *Diário do Paraná*: “(...) Agora, decorrido mais de um ano, a possibilidade de se lançar um semanário independente dedicado à divulgação de assuntos artísticos, urbanísticos, literários, filosóficos e científicos, é uma clara demonstração de que se tornou viável dinamizar a vida comunitária de maneira a extrapolar nossas fronteiras estatais.”³

Na capa, contornando a figura de um mendigo portando um tapa-olho, fragmentos do livro *Crítica da razão tupiniquim*, de Roberto Gomes interagem

² Curitiba, *Anexo. Diário do Paraná*, 06 de fev. de 1977

³ *Pólo Cultural* - ano 1 - nº 1 - 15 de março de 1978

com os conceitos de originalidade e de novidade dos editores do jornal: “É preciso insistir: ser novo é um acidente do original. Original é o que lida com as origens, não o último no tempo. Eis porque o rótulo de ‘ultrapassado’ é puro equívoco.” E também formulam uma resposta aos conservadores sobre a fundamentação das inovações gráfica e temática do novo jornal: “A uma estrutura mental e social fechada e conservadora, superpomos uma ornamentalidade de novidadeiros, como se a verdade fosse, num leilão, algo a ser arrebatado por quem desse o último lance. O que constrói uma verdade é sua perspectiva.”⁴

Complementa a capa o título do jornal acompanhado do ano e número da publicação, valor, local e data: “Pólo Cultural - Ano 1 - Nº 1 - 10 cruzeiros - Curitiba/15 de Março de 1978.” Ao lado, um poema feito em Morretes, em 1978, ilustrado por uma pássaro pousado em cima de uma banana: “Uma banana/ancora na praia/cora/a manhã/ do rurubu de saia”

Confirmando a idéia de “novidadeiros”, o jornal inovou ao utilizar impressão na folha A1 por inteiro modificando a dobra usual dos tablóides. Assim, ao ser aberto, a primeira matéria ocupa as páginas 2 e 3 que, em um jornal formato padrão, seriam ocupadas pelo editorial, créditos, colunas fixas e alguma matéria de menor tamanho.

Feita com Walter Semtack, músico suíço, inventor e fabricante de instrumentos musicais, professor e músico da Orquestra Sinfônica da Escola de Música e Artes Cênicas, da Bahia, que estava em Curitiba ministrando um curso no Centro de Criatividade do Parque São Lourenço, essa matéria reitera a idéia de que Curitiba era naquele momento um pólo cultural tão solidificado que poderia receber artistas de todos os cantos do mundo.

A página 3 do jornal, agora não mais em formato tablóide, mas adotando o tamanho de um jornal diário, abriga, ao lado dos créditos e endereço do periódico, o Editorial “Uma idéia em marcha”, que reproduz as declarações sobre o conceito da cidade como um pólo cultural dadas pelo então prefeito de Curitiba e pelo Secretário de Educação e Cultura, senhores Saul Raiz e Francisco Borsari Neto, respectivamente, ao suplemento Anexo, de 6 de fevereiro de 1977 e estabelece a periodicidade do jornal.

Na mesma página matérias sobre o ator José Maria Santos e sobre o grupo curitibano de música progressiva, Zona Franca e agenda cultural da Fundação Cultural de Curitiba para o período de 15 a 28 de março.

Na página 4, Paulo Leminski escreve sobre “A inteligência provinciana” em texto ilustrado por Solda. No pé da página a seção Mercado de Arte reproduz telas de artistas plásticos paranaenses ao mesmo tempo que informa preços e locais onde podem ser encontradas.

O espaço das páginas centrais foi reservado para a matéria “Gravuramor”, escrita por Adalice Araújo sobre a exposição *Arte da Gravura* patrocinada pelo

⁴ Idem, *ibidem*

BADEP (Banco de Desenvolvimento Econômico do Estado do Paraná) e que mostrava, a partir de ateliês experimentais montados no local, os diferentes processos da gravura. Como ilustração, a reprodução de um rinoceronte, feita por A. Dürer, em 1515, com a técnica da xilogravura, criada unicamente a partir de esboços e descrições de terceiros, visto que o artista jamais havia visto o animal.

A página seguinte é dedicada à História do Paraná sendo o homenageado nesse primeiro número, o ex-governador Bento Munhoz da Rocha Netto, em texto de autoria de João Manuel Simões. No pé da página a seção “Livros” traz comentários sobre diferentes títulos lançados.

A penúltima página reproduz um excerto do capítulo “A sério - a seriedade”, do livro *Crítica da razão tupiniquim*, do então professor universitário de filosofia e futuro editor e escritor premiado nacionalmente, Roberto Gomes. Trazendo comentários elogiosos ao livro e considerando-o como “obra indispensável e ponto de partida para tudo o que se escrever de hoje em diante sobre cultura brasileira.”, o texto introdutório fala sobre a obra de Roberto Gomes como sendo um livro que “analisa o comportamento mental de nossa intelectualidade.” A ilustração da página remete à da capa do jornal, ao reproduzir a figura de um homem de meia idade, bem vestido, e também com um tapa-olho, completando a referência à visão parcial dos fatos por qualquer classe social que não esteja bem informada. No rodapé a seção “Discos” apresenta lançamentos nacionais.

A contracapa traz a *Coluna A*, de variedades, assinada por Marilú Silveira no suplemento *Anexo* que migra para o *Pólo Cultural* a partir de seu primeiro número. Em destaque o poema de Alice Ruiz, assim ilustrado:



Alice Ruiz

Sou uma moça polida
levando
uma vida lascada

cada instante
pinta um grilo
por cima
da minha sacada

Jornal gráfico por excelência, *Pólo Cultural* privilegiou a poesia visual feita por Alice Ruiz, Paulo Leminski, Reynaldo Jardim, Edgar Braga, Duda Machado, Gilberto Gil, Mallarmé, Sebastião Uchôa Leite e Erthos Albino de Souza, entre outros, como um de seus mais criativos recursos de informação, ao ponto de dedicar páginas inteiras a esse segmento da arte literária.

A partir do número 17, o jornal passa a editar números especiais: *Inventiva*, dedicado a textos, experimentos e vanguarda; *Arte*, aos espetáculos; *Grafia*,

à fotografia; e *Espaço*, dedicado à arquitetura, urbanismo e ecologia, sendo que cada um desses especiais era editado por um nome representativo da área explorada.

O jornal dedicado à fotografia, por exemplo, era editado pelo fotógrafo João Urban. Já o *Inventiva* poderia ser editado por Reynaldo Jardim, ou por Paulo Leminski. *Espaço* era de responsabilidade do Instituto de Arquitetos do Brasil, seção Paraná, e *Arte* trazia matérias sobre espetáculos assinadas por Marilú Silveira, Elizabeth Karam, Adalice Araújo, Osmar Pisani e Reynaldo Jardim, entre tantos outros jornalistas, críticos e artistas ligados à arte paranaense e brasileira.

CONCLUSÃO

Sem patrocínio, uma produção “independente” como anunciada no editorial, o jornal durou apenas 34 números. Coerente com a sólida argumentação apresentada no *Anexo* do dia 06 de fevereiro de 1977, *Pólo Cultural* priorizou a reprodução de artigos e ilustrações assinadas pela intelectualidade paranaense tendo publicado textos de Paulo Leminski, Roberto Gomes, José Maria Santos, Adalice Araújo, João Manuel Simões, Alice Ruiz e Valêncio Xavier, entre muitos outros. As ilustrações levavam, em sua maioria, a assinatura de Solda e Reynaldo Jardim, sendo também retiradas de diferentes catálogos. Unindo o conteúdo a uma diagramação inovadora, *Pólo Cultural*, editado por Marilú Silveira e dirigido por Reynaldo Jardim, ocupa lugar de destaque na história da imprensa paranaense.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

PÓLO CULTURAL. Curitiba: Escritório de Promoção da Cultura Paranaense, 1978.

* Artigo publicado originalmente nos Anais do Simpósio Nacional de Tecnologia e Sociedade realizado em novembro de 2005, no Campus Curitiba da UTFPR.